
NOSSA LÍNGUA *PORTUGLESA*: mil faces de uma ideologia

Nair Ferreira dos Santos Feld

Mestre em Comunicação e Mercado
– Cásper Líbero; Especialista em
Linguística e em Língua Portuguesa
– UMC; Licenciada em Letras
– UNESP/S. José do Rio Preto;
Professora de Comunicação e
Expressão; Português, Inglês e
Espanhol na FASP e UNINOVE

Resumo

Este artigo sintetiza o conteúdo de uma dissertação de mestrado que investigou o fenômeno da mesclagem português-inglês, no ambiente de vida de universitários da cidade de São Paulo, nas últimas décadas do século XX. Investigou-se, de modo específico, que fatores contribuem para tal mesclagem, em que níveis ela ocorre, que possível ideologia a embasa e que conseqüências do fenômeno podem ser identificadas até o presente momento.

Palavras-chave: português; inglês; mesclagem; níveis; ideologia.

Abstract

This article summarizes the content of a MA dissertation which has investigated the phenomenon of the Portuguese-English mixing, in the life environment of university students in the city of São Paulo, in the last decades of the twentieth century. The following aspects were specifically investigated: which factors contribute to such mixing, up to what extent it occurs, what possible ideology underlies it, and which consequences from such phenomenon can be identified so far.

Key words: Portuguese; English; mixing; levels; ideology.

O porquê de uma pesquisa

No exercício do magistério há vários anos, condição que nos colocou numa posição de emissor e receptor crítico, observamos, mormente ao longo das últimas décadas, uma utilização de elementos da língua inglesa em meio à comunicação em português, no Brasil, em moldes aparentemente um tanto peculiares, ou seja, em grau elevado e de forma variada, que vai além dos simples empréstimos.

Com base nessas observações, entendemos que seria útil realizar uma pesquisa que pudesse contribuir para uma tomada de consciência sobre tais fatos e um possível posicionamento com relação a eles, considerando-se que parecem envolver certa alteração da nossa cultura. Dessas instigações, nasceu o tema da nossa pesquisa, que se resumiu em investigar e explicitar dimensões da comunicação mesclada português-inglês, no ambiente de vida de universitários da cidade de São Paulo, nas últimas décadas do século XX. Por ambiente de vida entenda-se tudo a que esse grupo social vê-se exposto, desde a fala de mestres até cartazes, filmes etc., não exclusivamente a sua própria fala. Objetivamos, assim, investigar até que ponto ocorre, nesse ambiente, uma mesclagem português-inglês, que tipos de fatores a condicionam e que tipos de conseqüências podem ser constatadas neste momento.

Elegemos, como principal variável independente, a ideologia instaurada em torno da cultura norte-americana — incluída a língua —, em razão da qual decorreriam duas variáveis dependentes: a) o uso variado da língua inglesa em meio à comunicação em português, no Brasil, e b) as alterações efetivadas no linguajar das camadas sociais que freqüentam o ambiente foco da nossa atenção.

Em apoio teórico às nossas indagações, auxiliaram-nos, principalmente, livros da área de filologia; a teoria de Mikhail Bakhtin a respeito da relação entre infra-estrutura, formação da ideologia social e sua plasmação na linguagem; obras de história do Brasil; estudos da área de mercado, especialmente a do mercado de idéias; estudos sobre sublimaridade; obras da área de lingüística e de metodologia da pesquisa científica.

Além da observação empírica, da formulação de hipóteses e da busca de teorias que pudessem dar-nos sustentação, sentimos a necessidade de obter dados específicos, não quantitativos, mas que nos dessem convicção quanto à aplicabilidade da teoria de base à realidade particular do Brasil; assim, fizemos aplicar um questionário a universitários da cidade de São Paulo.

Sendo a mesclagem de códigos, objeto do nosso estudo, um fenômeno complexo, atrelado a diversos campos e aspectos, faz-se necessário discorrer sobre alguns deles.

Contingências históricas

É indispensável apontar, ainda que não de modo extensivo e cronológico, aspectos relevantes do relacionamento Brasil – Estados Unidos. Diríamos que o fazemos de uma forma metonímica, isto é, apresentando pequenas frações de todo um contato cultural propiciador de alterações, entre outras, comunicacionais.

Na realidade, ao longo de sua história, o Brasil recebe influências culturais variadas. A partir da década de 30, mas principalmente da Segunda Guerra Mundial em diante, a influência econômica e política sobre o Brasil seria exercida pela nação norte-americana, por meio de empréstimos, equipamentos, assistência técnica, chegada de empresas multinacionais, acordos culturais como o MEC-USAID, importação de tecnologia e modelos de produção.

Dessa forma, a presença norte-americana, aqui, faz-se sentir em produtos culturais vindos de lá. Vale lembrar que tal cultura chega ao Brasil não por invasão territorial, mas pelo consumo intenso e variado de produtos, contando, por essa razão, com o apoio da classe dirigente e a aceitação de praticamente todo o povo. Dessa forma, o que se verifica é uma nova versão do sentimento de inferioridade do brasileiro ante outra cultura, como ocorrera com relação à européia. Passamos a admirar fatos culturais norte-americanos, como o tipo de família divulgado em seus filmes, a atuação política internacional, as condições de trabalho lá oferecidas, suas roupas, música e ‘superioridade’.

Assim, todo esse contato histórico patrocinado por interesses vários, daqui e de fora, oferece-se como um panorama propício a certas alterações ocorridas no Brasil, no homem brasileiro e na sua comunicação, na qual se insere o aspecto verbal.

Aspectos ideológicos da comunicação

Falar sobre formas de comunicação de um povo é falar sobre a cultura desse povo. Os elementos culturais são-lhe transmitidos pelo ambiente cultural em que vive e condicionados por esse ambiente, o que pode ser constatado pelas diferenças culturais existentes entre povos e nações diversos. A língua, forma de comunicação por excelência, vê-se especialmente marcada pela cultura em que se insere.

No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1925), o autor russo Mikhail Bakhtin, sob a assinatura do discípulo Volochinov, trata das relações entre linguagem e sociedade, pelo prisma da dialética do signo. Para ele, todo signo é ideológico e toda ideologia é um reflexo de estruturas sociais, razão pela qual as alterações da ideologia desencadeiam alterações na língua. Os sistemas semióticos têm por função exprimir a ideologia, ao mesmo tempo em que são por ela modelados.

A palavra, por sua vez, conta com o privilégio da ubiquidade social, isto é, está presente em praticamente todas as relações entre as pessoas. Ela registra, pela forma ou pela temática, mesmo as mínimas alterações que ainda não conseguiram ser visualizadas como formas ideológicas novas e acabadas. E mais: revela índices de valor que, embora expressos individualmente, constituem índices sociais de valor, exteriorizados em nome de um certo consenso social.

No que se refere ao atual estágio de comunicação verbal em certos ambientes da sociedade brasileira, como aquele delimitado em nosso trabalho, poderíamos atribuir sua mesclagem português-inglês a fatores já tornados mais nítidos, até aqui. Teria havido um intenso contato cultural entre Estados Unidos e Brasil, acentuadamente unilateral – daquele para este. Dessa relação desigual, ter-se-ia instalado uma ideologia de admiração em grande parcela do nosso povo, mormente nas camadas que têm acesso a tais valores e produtos. Como parte integrante dessa ideologia, teria ocorrido a instalação de um certo sentimento social de inferioridade do povo brasileiro em relação ao norte-americano.

A forma mais constante pela qual se instalou a ideologia do belo americano parece ter sido a subliminaridade, ou seja, a introdução, por um nível além do plano da consciência, de elementos, conceitos e valores presentes nos produtos, nos acordos políticos etc. Como resultante, em meio à adoção de vários elementos daquela cultura, certas camadas sociais brasileiras teriam sido levadas a buscar a utilização da língua inglesa como forma de legitimação e elevação conceitual de pessoas, empresas e produtos. Mercadologicamente falando, o produto em questão, ao lado de suas potencialidades para satisfazer algumas das necessidades do consumidor, traria consigo benefícios agregados, como a idéia de

moda, prestígio e superioridade, capazes de ir ao encontro de outros tipos de necessidades, como as de estima e reconhecimento.

A mesclagem português-inglês seria um exemplo local da relação socioideológico-comunicacional, tantas vezes demonstrada ao longo da história, segundo Bakhtin.

Depoimentos reveladores

Na tentativa de estabelecer um elo entre nossas hipóteses — advindas da observação — e a fundamentação teórica, aplicamos um questionário a universitários da cidade de São Paulo, o qual indagava sobre preferências, hábitos etc. relacionados à utilização do inglês, no seu ambiente de vida.

O questionário, grosso modo, revelou, como principais pontos, que a maioria daqueles jovens prefere ouvir e assistir a programas que utilizam muito a língua inglesa; seu ambiente de vida mescla português e inglês — e consideram o fato normal; acham que o inglês é a língua mais importante e útil; preferem as expressões inglesas não aportuguesadas, nem traduzidas; reconhecem que há um poderio econômico e cultural dos EUA sobre o Brasil, mas afirmam uma melhor qualidade do produto cultural americano etc.

Infere-se, a partir de tais depoimentos, que há uma postura positiva quanto ao uso da língua inglesa em nosso país, a qual teria fundamentos ideológicos. Tal postura atuaria, ao mesmo tempo, como colaboradora para a perpetuação dessa ideologia, considerando-se que os cidadãos ora atuam como receptores, ora como emissores e multiplicadores do comportamento em questão.

Mesclagem muitíssimo além de empréstimos de palavras

O fato mais observável, no que se refere à mistura de português e inglês, no Brasil, atualmente é, sem dúvida, o empréstimo de vocábulos, seja da área da informática, da medicina, das comunicações etc. No entanto, essa é uma visão muito limitada, semelhante à de observar-se apenas a extremidade externa de uma montanha de gelo em pleno oceano.

Citaremos, a seguir, diversos casos, que se situam em diferentes níveis comunicacionais, cujo elemento forjador parece ter sido o modelo dos Estados Unidos.

a) A língua portuguesa não dispõe do recurso do [’s] para expressar a relação de posse. No entanto, já se tornou um fato comum a utilização (inconsistente, não condizente com normas ou significado) desse artifício idiomático do inglês para dar nomes a estabelecimentos comerciais no Brasil, tais como *Antonio’s Pizzaria; Clas’s Cabeleireiro’s; Juliu’s Cabeleireiro; Statu’s Night Club*.

b) Tem ocorrido, freqüentemente, uma imitação (também inconsistente e sem fundamento etimológico) de traços gráficos do inglês, como a utilização de *y*, de *k*, de letras duplas (geralmente consoantes), como em *Leopoldo; Kamila; Thathyanna; Michelly*.

c) Por vezes, observa-se uma alteração na acentuação tônica de uma palavra, de modo a torná-la semelhante, no plano fonético, a padrões ingleses, como em:

- *Xerox*, hoje pronunciado e dicionarizado como *xérox*, ante *xerox*.
- - Daniel, algumas fãs querem saber se seu nome é [Dániel] ou [Dâniel].
 - Nenhum. É [Déniel]. (O cantor Daniel, no *Programa Olga Bongiovani*, TV Bandeirantes, 1º maio 2000).
- *cachecol*, pronunciado [kэшkol] (aluna, no corredor da FCS Cásper Líbero).

d) Nomes de estabelecimentos às vezes adotam uma inversão de palavras típica do inglês, com o núcleo ou termo determinado deslocando-se para a direita do determinante. Ex.: *Nacional Cargas; São Paulo Transporte* (antiga *CMTC*); *Pereira Telas; André Isotécnica*.

e) A língua portuguesa dispõe, tradicionalmente, de algumas maneiras de expressar a idéia de futuro por meio dos verbos. Por exemplo, podemos dizer “eu viajarei amanhã” (futuro do presente do indicativo); “eu vou viajar amanhã” (verbo *ir* no presente indicativo+infinitivo do verbo principal); ou “eu viajo amanhã” (presente do indicativo com valor de futuro).

De alguns anos para cá, no entanto, uma nova alternativa vem sendo registrada: “estou indo viajar amanhã”. Essa construção equivale, formalmente, ao inglês “*I am travelling tomorrow*”. Outro exemplo: “Eu estou saindo às 2 horas” (não para expressar hábito ou o que está ocorrendo agora, como ocorreria em português, mas futuro); corresponde, formalmente, ao inglês “*I am leaving at 2 o'clock*”.

Não saberíamos dizer se a razão desse fato seriam as traduções equivocadas de filmes norte-americanos, tantas vezes constatadas na televisão e, dessa forma, divulgadas. Perguntaríamos, então, se a própria má tradução, não fortuita, mas comum, já não poderia ser atribuída à ideologia da admiração e respeito, que levaria, mais uma vez, à imitação e à divulgação contagiante.

Uma outra pergunta que nos fazemos, neste momento, é se esse uso do verbo tempo contínuo (gerúndio) não seria o responsável – talvez por extensão – por um modismo tão em ascensão nos dias atuais, ao qual vêm aderindo estudantes, professores, operadores de telemarketing, de lojas, escritórios etc.: “Nós vamos estar recebendo os currículos pessoalmente e vocês vão estar sendo contactados até 26/06. Aí, vocês vão estar sabendo se foram selecionados ou não” (funcionária do departamento de RH da Universidade Metodista, em Rudge Ramos).

Ou: “A Professora disse que é para vocês estarem pegando o material que ela deixou comigo, estar xerocando e estar trazendo na próxima aula” (aluna representante de classe, da UNINOVE).

Parece-nos que, nesse tipo de construção, algumas forças intensas se unem (sincretismo): o uso do ‘vamos’ com valor de futuro, em português; o contínuo, importado do ‘belo’ inglês e a preferência popular pela perífrase verbal (utilização de mais de um verbo para expressar um fato, na qual o último elemento carrega o significado e os primeiros expressam aspectos, tempo, modo etc.), vindo a tornar-se quase indispensáveis.

f) Um dos fatos comunicacionais que mais nos vêm chamando a atenção no âmbito da mesclagem português-inglês é a substituição de fórmulas fixas nossas, habituais, seculares, por outras, decorrentes de traduções literais do inglês.

Assim é que ‘Até amanhã’ tem sido substituída por ‘Te vejo amanhã’ – equivalente ao inglês *See you later*. Do mesmo modo, ‘Até logo / até mais tarde’ têm sido substituídos por ‘Te vejo mais tarde’ - não no sentido de firmação de um pacto, como fazemos em português, mas realmente como fórmula de despedida, o que, até há poucos anos, não ocorria na nossa língua.

‘Tudo bem’ , da tradução de *OK* e *All right* (por ‘está bem’, ‘está certo’ ou ‘tá’).

Isso está ‘fora de questão’, de *out of question* (o português diria ‘fora de cogitação’).

‘Em torno do mundo’, de *around the world*, por ‘pelo mundo afora’.

Mais uma vez, sugerimos a colaboração das traduções, nos moldes colocados no caso e).

g) Uma observação importante deve ser feita: muitos dos usos do inglês, por brasileiros, são equivocados, instalando uma situação de ridículo, se ouvidos por um falante nativo ou por quem tenha um nível mais avançado nessa língua.

Assim é, por exemplo, a criação brasileira de *outdoor* (em inglês é um adjetivo, que significa ‘externo’, ‘exterior’), como substantivo, significando ‘cartaz grande’ e ‘externo’. Em inglês, nesse sentido, tem-se, na verdade, *bill-board* e *boarding*.

Ainda neste caso citaríamos o *CD-room* (assim escrito, às vezes; outras vezes, só pronunciado [rum] de *room* – sala, em inglês), o que nada tem a ver com *ROM*, (sigla de *read only memory*). Da mesma forma, uma roupa dita [cawntri] por [kântri], ou seja, *country* – isto é, campestre, caipira etc.

h) A utilização de nomes próprios ou não – de pessoas ou não – ingleses (ou com feições inglesas) tem-se propagado. Citaremos, aqui, alguns exemplos desse fato.

Robson, Roberson, Robison, Méri / Mary / Meire / Meyre, Hudson, Cleison, Pâmela, Allison, Émerson, Residencial Blue Point, Manhattan Tower, Mackenzie Park, Center Park, Lake Park, Spa Rosita Garden, personal trainer, home banking, Mult Off, Rodeio Festival Country, management, coffee break etc.

i) Nossos apelidos tradicionais, que normalmente se baseavam no aproveitamento das sílabas tônica e postônica dos nomes (ex.: *Lia*, de *Maria*; *Dito* ou *Benê*, de *Benedito*; *Tonho*, de *Antônio*; *Zé*, de *José*), têm sido abandonados. Hoje, apelida-se por *Fred*, *Tony*, *Carol*, *Benny*, *Danny*, *Johnny* etc., copiando-se formas ou feições norte-americanas.

j) As onomatopéias, em português, têm sido também afetadas pela forma correspondente em inglês, ou pela grafia anglicizada, como em *splash*, *meow*, *pow* etc.

k) É comum, na imprensa escrita e falada, hoje, o uso de expressões desprovidas de preposição, como ‘ano passado’, ‘semana passada’, ‘mês passado’, ‘mês que vem’, em vez de ‘no ano passado’ etc. Trata-se de uma clara adoção de construção inglesa:

- “Mês que vem, o pai mais velho de Uberlândia completará 108 anos” (Luís Gustavo, *Jornal Nacional*, Rede Globo, 12 ago. 2000).
- “... o que acabou prejudicando a remoção das vítimas de um acidente de trem ocorrido na estação de Perus, semana passada” (J.R. Burnier, *SPTV*, Rede Globo, 1º ago. 2000).

m) Possivelmente, a generalização do uso de *você*, em lugar de *o senhor*, *a senhora*, tenha, nas suas raízes, as dublagens de filmes, uma vez que o uso de nossas expressões tradicionais tomariam mais tempo que *you*, devido ao número maior de sílabas. Assim, a nossa própria forma de tratamento (sociolingüística) teria sido afetada pela forma inglesa.

n) O fato mais observável, no que se refere à mesclagem, é a mistura de unidades vocabulares dos códigos português e inglês no plano sintagmático, caracterizando-se a forma mais conhecida como empréstimo, na comunicação em português muitas vezes atribuída ao fato de a palavra não existir em nossa língua. Na pesquisa com universitários, explicou-se tal uso pelo fato de “não ser a mesma coisa” o uso do termo português. Ex.:

- “Meu pai é muito mais *fashion* que o seu” (Peça publicitária da *C&A*).

- “A 1ª micareta *indoor*, no ...” (Comercial, *Dia-a-Dia*, TV Bandeirantes, 28 ago. 2000).
- “Você pega o *mouse*, *clica*, *deleta*...” (Aluno da Uninove).
- “*Startar* quer dizer *inicializar*” (Aluno da Fasp).

o) Muitas das nossas interjeições (manifestações lingüísticas espontâneas) e um vocativo têm sido substituídos por formas inglesas:

Uau / wow!; Ié / yeah / yeh! Yes!; Hello!; teacher (por *nossa / puxa; isso; olá; professor*).

p) Já observamos algumas alterações em regência verbal do português, adotando-se a inglesa, como no caso de:

“O Relatório (da Anistia Internacional) focaliza *em* prevenir a tortura ...” (Membro da Anistia Internacional, *Dia-a-Dia*, TV Bandeirantes, 19 out. 2000), de *focus on*.

q) Significados de palavras inglesas têm sido, algumas vezes, atribuídos a seus cognatos (ou falsos cognatos) portugueses, como em:

- *realizar*, usado no sentido de *imaginar*: “*Realiza*, Carolina, *realiza*: nós dois na cozinha, jogando as pílulas nas baratas! [...] Pergunta absurda, tolerância zero!” (Personagem de Francisco Milani em *Zorra Total*, Rede Globo).
- *casual*, usado no sentido de informal:
“Você deve usar um roupa *casual* ...” (Consultora de moda, *Dia-a-Dia*, TV Bandeirantes, 4 ago. 2000).

r) Expressões idiomáticas e frases feitas têm sido tomadas por empréstimo, como é o caso de: *By the way* ... (= a propósito; aliás); *Shut up!* (= cale a boca:); *Take it easy!* (= Calma!)

s) À medida que fatos da cultura norte-americana são assimilados, emprestam-se, também, expressões a eles relacionadas. É o caso de: *happy hour* (hora de descontração, após o trabalho); *fast food* (prato rápido); *self service* (auto-atendimento).

t) Num outro nível comunicacional, a gestualidade do brasileiro tem sido afetada, em algumas camadas sociais, na adoção do modelo norte-americano. Assim é que, quando se quer ofender alguém, de modo bem grosseiro, no trânsito, antes era comum fazer-se um aro com os dedos polegar e indicador, mantendo-se os demais esticados. Hoje, esse gesto já é associado ao do OK norte-americano, tendo, para muitos, perdido seu significado brasileiro. Em seu lugar, atualmente, muitas pessoas utilizam o dedo médio esticado e os demais dobrados, encolhidos, à maneira dos norte-americanos, gesto lá tradicionalmente considerado pornográfico e ofensivo, que antes não tinha qualquer conotação negativa entre nós.

Vale a pena relatar, aqui, que, ao conversarmos com alunas da FASP sobre os dois gestos (o brasileiro e o estadunidense), elas se chocavam apenas ao verem a nossa reprodução do segundo, o que comprova um certo esvaziamento e substituição do primeiro.

u) O vigésimo caso envolve considerações muito mais complexas, embora possa ser visto ainda pelo ângulo da comunicação.

Se considerarmos, por exemplo, a vestimenta dos nossos jovens, assim como o que cantam ou cantarolam junto aos amigos etc., como tendo passado da condição de coisa ou objeto à de signo ideológico, como postula Bakhtin, concluiremos que esses elementos, além de cumprir suas funções básicas de vestir também comunicam, utilizando elementos da cultura norte-americana, isto é, nossos jovens vestem-se, cantam, usam *jeans*, camisetas e tênis, dançam etc., tendo por modelo os jovens norte-americanos.

Consideramos, na verdade, o comportamento da maioria dos nossos jovens uma espécie de macrotexto, de nível muito mais profundo e complexo que os exemplos lingüísticos e gestuais por nós apresentados, os quais ocupavam os planos fonético, sintático, morfológico, frásico ou gestual. Este ponto, por extremamente abrangente e complexo, prestar-se-ia, sozinho, a objeto de toda uma pesquisa, ou várias, possivelmente abrangendo outras áreas de estudos.

Algumas conclusões

Com base nas condições expostas, concluímos que há uma busca de beleza, prestígio e elevação social por meio do uso da língua inglesa, que já não se restringe a empréstimos de palavras; conforme mencionado, algumas características, como grafia, ordem de palavras, traços fonéticos, tempos verbais, uso de apóstrofo, nomes de pessoas, estabelecimentos e serviços com traços do inglês, passam a ser exibidos, num país que não fala essa língua.

Diríamos que, de modo geral, pensamos haver comprovado nossas hipóteses, já que dados teóricos e empíricos somaram-se, levando à conclusão de que: a) a mesclagem português – inglês, no ambiente de vida do público pesquisado, tem como base fatores histórico-ideológicos; b) essa mesclagem já se realiza em níveis diversos e mais profundos que tão-somente o vocabular; c) a influência desse idioma sobre o português utilizado por certas camadas sociais ocorre em detrimento de algumas tradições da língua portuguesa e da cultura brasileira. Tais fatos lingüísticos têm sido amplamente divulgados, apresentando, assim, grandes possibilidades de fixação e possível ampliação, caso as atuais circunstâncias se mantenham.

Como inferência final, parece solidificar-se, entre nós, uma ideologia negativa da nossa língua – e cultura –, que poderia contribuir para uma auto-estima igualmente deficitária. Ficamos a imaginar qual a dimensão dos prejuízos psicológicos e sociais para uma juventude que despreza a própria identidade, cresce em meio a modelos de um outro povo, imita-o, por várias formas, sem, no entanto, ter a mínima perspectiva de vir a ser um deles. Sua língua *portuguesa* seria, dessa forma, sintoma de um perigoso faz-de-conta.

Referência

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988. 196 p.

Bibliografia sugerida

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado. In: ZIZEK, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio: Contraponto, 1996. 187 p.

- ALVES, Júlia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. São Paulo: Moderna, 1988. 218 p. (Coleção Polêmica).
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 6. ed. São Paulo: DIFEL, 1980. 112 p.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1973. 220 p.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix-EDUSP, 1983. 88 p.
- CALAZANS, Flavio. *Propaganda subliminar multimídia*. São Paulo: Summus, 1992. 118 p. (Coleção Novas Buscas em Comunicação).
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. 125 p. (Col. Primeiros Passos).
- COUTINHO, Ismael de. *Gramática histórica*. 6. ed. Rio: Livraria Acadêmica, 1968. 355p.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972, 182 p..
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 5. ed. Rio: Paz e Terra, 1978.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio: Paz e Terra, 1986. 188p.
- GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, s.d. 494p.
- GUARESCHI, Pedrinho. *Comunicação e poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. 88 p.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1974. 162 p.
- KEY, Wilson Bryan. *A era da manipulação*. São Paulo: Página Aberta, 1993. 182p.
- LAKATOS, Eva M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 270 p.
- MATTELART, A.; DORFMAN, A. *Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1973. 114 p.

MELO, Gladstone Chaves. *Iniciação à filologia portuguesa*. 3. ed. Rio: Livraria Acadêmica, 1967. 322 p.

MOTTER, Maria de Lourdes. *A linguagem como traço distintivo do humano*. São Paulo: ECAUSP, 1994. (Princípios).

PEREIRA Jr., Álvaro. No Brasil, quem fala inglês é rei. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 abr. 2000.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1969. 280 p.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996. 272 p.

TARALLO, F.; ALKMIN, T. *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987. 143 p.

TOTA, A. Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. 235 p.

VAZ, Gil Nuno. *Marketing institucional: o mercado de idéias e imagens*. São Paulo: Pioneira, 1995. 288 p.